

20
RELACAM
DO FORTISSIMO COMBATE
QUE TEVE A
ARMADA PORTUGUEZA

*Junta com as armadas de Veneza, e Malta contra
todo o poder do Turco na costa do Reyno de Moreya
em 19. de Julho de 1717. a qual armada foi man-
dada pelo muito alto Senhor*

DOM JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL,

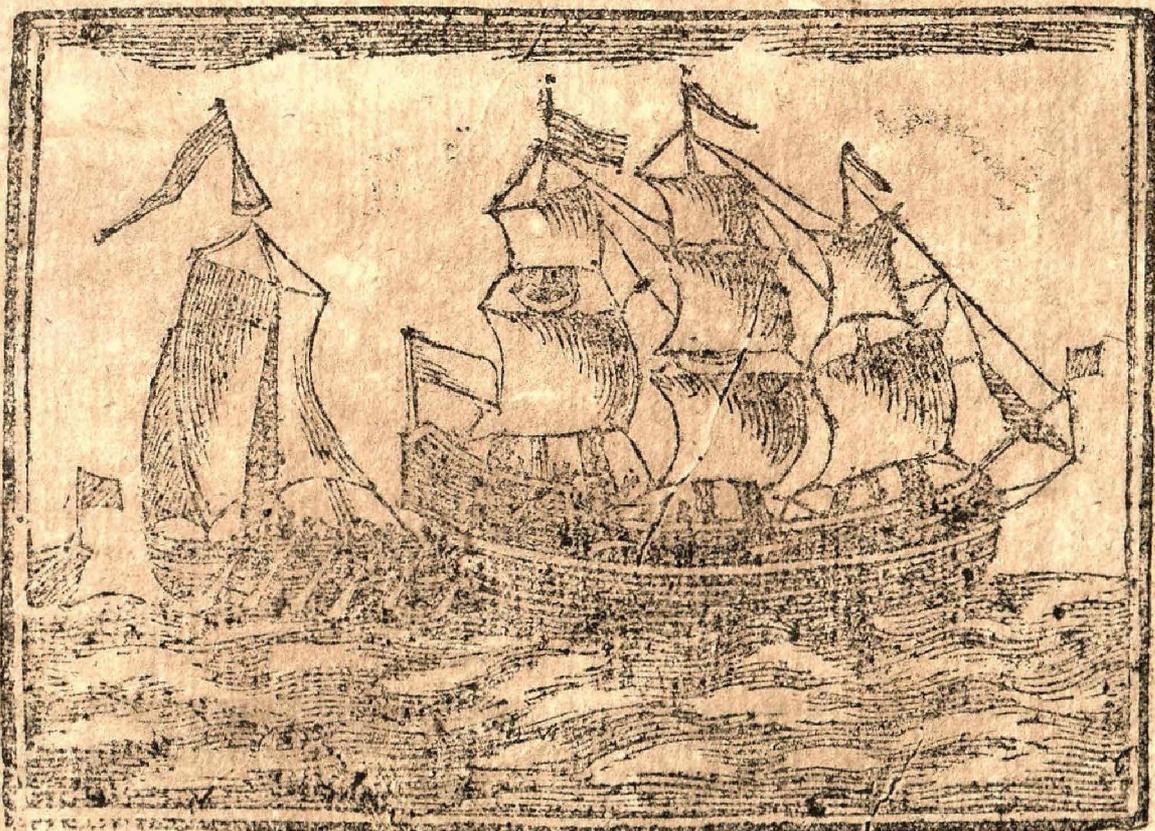
Em socorro do Santissimo Papa BENEDICTO XIII.

Offerecida ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

ESTEVAM GOMES DE MENEZES,
Marquez de Penalva,

Superintendente do Conselho Ultramarino, &c.

Por seu Author MANOEL RIBEIRO LOPESS



LISBOA : Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rai-
nha N.S. Anno 1751. Com todas as licenças necessarias.

14.13
*Relaçãõ do Fortissimo combate q̃ teve a armada Por-
tugueza junta com as armadas Veneziana, e Malta
contra o poder naval do Turco na Costa do Reyno da
Moreya em 19. de Fulho de 1717.*

MEu amigo dos meus olhos
Quizera para esta carta
Que Apollo me desse a via
Para que corresse clara.

Porè n como nos escuros
Da minha cega ignorancia
A idèa se confunde
O discurso se embarça

Para sahir deste empenho
Em que a obrigaçãõ se acha
Desse Emperador dos Astros
He força que hoje me valha

A vòs brilhante Planeta
A vòs supremo Monarca
Que sois no empirio das luzes
O Senhor da esfera quarta.

A vòs soberano Apollo,
Que na carroça dourada
Despendeis rayos, e luzes
Cristais converteis em chamas.

A vòs minha pobre muza
Chega humilde, e cõfiada
A pedir, que como filha
De hũa luz lhe façais graça.

Tambem a vossos irmãos
Invoco com efficacia
Para que referir possa
Da viagem a circumstancia:

Partimos emfim do porto
Dessa Lisbonence patria
Se com os olhos na terra
Com mil saudades alma:

Era em vinte oito de Abril
Que os campos veste de gala
Com os enfeites das flores,
E os verdores das plantas.

Hu na quarta feira quando
O Sol o mundo alegrava
Os impulsos de Boreas
A'vella se fez armada.

Era o seu nu nero breve
Sete fermolas fragatas
Dous borlotes huma charrua
De q̃ se acompanha a esquadra

A nau Conceiçãõ que ocupa
O cargo de Capitania
O Conde do Rio grande
Corta de Neptuno as aguas.

Em a grande nau Pilar,
Que o officio faz de Almirante
Vay de São Vicente o Conde
Manoel Carlos de Tavora.

Segue-se Pedro de Sousa,
Que fiscal se intitulava
Em a Fragata Assumpçãõ
Mui polida, e mui galharda:

Na nau das Necessidades
Lige Moquagi embarca
Experimentado no mar
Do uso que teve em França

Em a nau Santa Rosa
Que os campos de Cristalara
Vay o Capitãõ Rolhano
De valor capricho, e galla.

Bartholameu Freire vay
Capitaõ de fama honrrada
No Navio São Lourenço
Hum dos menores da armada:

Na nau Rainha dos Anjos,
Que he a mais piquenina
Tambem o seu Capitãõ
He Jozè Pereira da Villa.

Tambem vai Jorge Mathias
E mais Jozè Garavanha
Hum Francez por Capitão
Des Forlotes, e Tartans.

Com diligencia, e cuidado
Sua Alteza aqui andava
Em pouco espaço de tempo
Nos poz mui longe da barra.

Em huma volta, e outra
Todo o dia assim se passa
Quando das naus expedido
Deixou azul a campanha.

Logo de Vulcano es rayos
A popa azul imitava,
Mas como Real pessoa
Salva Real se lhe dava.

Corremos a costa abaixo
Com vento a huma larga
Entrando fomos ao Estreito,
O sopro Real que dava.

De Africa vendo os mares
As terras vendo de Espanha
De Leão no Golfo entramos
Achamos suas iras brandas.

Que a serpente de Luzo
Sempre seu furor amança,
A' grande Ilha de Sicilia
Chegamos tão celebrada.

De quem cõta o Mantuano
Nos seus livros mil patranhas
A grande Cidade de Palermo,
Que he Corte Ciciliana

Com bonança, e vèto a popa
A nossa armada ancorara
He populosa Cidade
Famosa bem assentada.

Nobres Templos, edificios,
Ricas fontes, grandes casas
Aqui vimos o ferreiro,
Que a Jove es rayos fujava.

A rede sutil com que
Marte a Venus pescava
A' vista dos dezzes todos
Justiça pede vingança.

Quando aqui den es fundo
Todos vierão às prayas,
Que ainda não tinham visto
As bandeiras Lusitanas.

Aqui foi bem recebida
A nossa armada nesta Corte
Dizem que nunca tem visto
Embarcaçens desta sorte.

He esta Ilha mui grande
Das mayores da Europa
Muitas Cidades, e Villas,
Se vem correndo a cõsta.

As ruas são muito largas,
E muito espaçosas
Toda a Cidade dentro
Parece jardim de rosas.

As cazas todas tem bicas
De agoa cristalinas, e frescas,
Toda se some por canos
Ficando as ruas secas.

Tem hum xafariz na praça
De grande admiração
Com quarenta e oito figuras
De jaspe feitas à mão.

Deste cristalinas aguas
Estão de continuo a correr
Por naris peites, e boca
Partes que não sei dizer.

Em hum cavalo de bronze
Num alto pilar de pedra
Està El Rey Dom Filipe
O segundo de Castella.

He tão farta, e abundante
D'agua que desse das serras,
Que cravos, rosas, boninas
Nascem por cima das pedras.

Os Templos sumptuosos
Lavrados de pedra fina
Não usa prata, nem ouro
Nesta terra de Cecilia:

Vimos a terra eninente
Vestida de neve branca,
Mas pelo cume do centro
Horrendas chammas lançava.

Entrâmos pelo Canal
Entre Cecilia, e Calabria,
No Porto de Mecina
O ferro dente se lança.

De toda a gente da terra
Eraõ as naus visitadas,
Desde que nascia o Sol,
Atè que se sepultava.

A nossa nau mais que todas
Esta preeminencia alcança,
Que vem ver o nosso Conde
Donas, Condeças, Infantas.

A quem com gentis agrados
Estima, hospeda, e agazalha
Com alviceras para o corpo,
Nectares para a substancia.

Daqui então nos partimos
Para as partes da Dalmacia
Encontrando huma manhã
Sinco Galeras de Malta.

A Corfú en fim chegamos
Praça bem fortificada,
Que està na ponta da Ilha
Entre os montes de Albania.

Aqui estavaõ as Galeras
De Veneza, e do Papa,
Em numero de vinte e nove
Com as duas de Toscana.

Aqui o grão General
Andrè Pizania se achava
Cujas maritimas tropas
Com mando superior manda

Todo de encarnado veste
Por ser vestimenta usada
Calçoens, sapatos, e encyas
Bclona, sombreiro, e capa.

De São Esperidião o corpo
Vinos com a carne, e teta
Que ha mil e trezentos annos
A sepultura lhe derãõ.

Aqui se conserva o Santo
Em huma Igreja scismatica
De Gregos em cujo culto
Obra maravilhas raras.

Sendo Bispo na grande Ilha
Donde nasceu Acidalia
Aquella deusa que foi
Da escuma do mar gerada;

No cutro anno atraz
Esteve esta Praça apertada
O Turco com grão poder
A teve quasi ganhada.

Não pelejava com o Turco
Armada Veneziana;
Porque esperava o soccorro
De Portugal, e de Hespanha:

Porém dentro numa noite
Se fez o Turco à vela
Deixando toda a bagaje,
E muitos Turcos em terra;

Aqui tiveres noticia
Estar a Moreya ganhada
Que a tonãraõ os Turcos
Em a campanha passada.

Na nau Santa Catharina
Que o Pontifice mandava
Ha por Governador
O General Belfortaina.

Governador de Tolam
Grão Cavaleiro de Malta
Que se tem em mar, e terra
Achado em vinte batalhas.



Aqui estava André Pizania
 Na sua G. lera b. star da
 Das tropas auxiliares
 Percebia, e dava salvas.

Aqui tivemos noticia,
 Que armada grossa passara
 Para o Levante o Turco
 Darlhe a primeira alvorada.

Dequi passamos a Zante
 Ilha a Levante lançada,
 Que de Veneza o dominio
 Conserva, e tributo paga.

Tivemos aqui noticia,
 Que a armada Veneziana
 Com a do Turco tres vezes
 Se tem batido em campanha.

Que o general Frangenem
 Cujo valor asõ brava o Turco,
 Que Rey ficara morto
 Com quinhentos de campanha

Logo à vela nos fizemos
 Para suprir nesta falta
 Pela Costa de Moreya
 Que o Turco a tem ganhada.

Em huma segunda feira
 Entre os crespos da luz dalva
 Quando de trinta navios
 O Gageiro conta dava.

Armada Veneziana
 Mas logo as bandeiras largas
 Nos mostrão que são de que
 Seguem de Christo a Ley Sãta.

Foraõ-se reconhecer
 Pelas Galeas de Malta
 Tiveraõ grande alegria
 Salvando a nossa armada.

Aqui se comprimentarãõ
 Todos os Generaes da armada
 Havendo varios conselhos
 Para dar outra batalha.

Dizendo que armada Turca
 Que ali perto estava
 Fizerãõ entãõ conselho
 De hir a nossa buscalla.

Porem elles não querendo
 Meterse nesta batalha
 Se retirarãõ a dar fundo
 De Coram na anciada.

No outro dia entãõ
 Vimos em linha formada
 Correndo a Costa o longo
 Que a nossa armada buscava;

Corremos para o mar
 A ver se o vento virava
 Seguirãõ-nos todo o dia
 Com ventage declarada.

Sobre ganhar balravento
 Todo o dia se passava
 Entendo que entãõ tiverãõ
 Respeito às bandeiras brancas

A ssm passamos huns dias
 Toda armada intentava
 Bolver à Ilha de Zante
 Para se prover de agoa.

Mas deste intento contrario
 O vento nos desviava
 Logo ao porto nos leva
 Para suprir esta falta.

Em o Reyno de Moreya
 Em huma grande ançada
 Quatro dias estivemos
 Fazendo lenha, e agoa.

Deixamos hu na espia
 Fóra da boca da barra
 Para nos trazer noticia
 Do que o Turco intentava.

Soubemos q vinha o Turco
 Atacarnos de encalhada
 Com grande alvorço toda
 Armada ferro levanta.

Mas o nosso General
Supposto que estava em calma
Com as Galês a reboque
Foi metendo as naus em ala.

Aqui estava André Pizania
Na sua Galè bastarda
Dando ordens por escrito
Para se dar a batalha

As batarias abertas
Sempre o valor sustentara
Que se não ferraõ as portas
Adonde o valor morava.

Atira o Turco de longe
Sem que as balas nos chegasse
Que o seu intento era
Que a nossa armada encalhasse.

Era de linha a primeira
De Veneza a Capitania
A Escoadra Portugueza
Era a que a linha ferrava.

De trinta e quatro navios
Armada Christã constava
De guerra que nos transportes
E Galeras se não falla.

Por morte de Frangemim
Marco Antonio ficara
Na sua nau Graõ coroa,
Que seive de Capitania.

De Tunes Constantinopla
De Argel, Lexandria
Era toda esta Armada,
Que o Graõ Baixà regia.

As naus parecião torres
Donde os Mafomas malditos
E rão tantos de tal sorte,
Que parecião mosquitos.

Em dezanove de Julho
Dia das famosas Santas
Justa, Rufina de Christo
Logrão de Martyres as palmas.

Em huma segunda feira,
Quando a Aurora já tocava
A recolher suas luzes
A nos sahir com as armas

Demos vista da armada inimiga,
Pela ponta da anceada
Tremulando as bandeiras
Com as Luas Otomanas.

De guerra cincoenta naus
Em numero se contava
Da gente a torpe feita
De Mafoma tanto engana.

Começa a furia tremenda
Da multidão das bom bardas
Com tanto fogo estrondo
Que tremião as montanhas.

O Turco então devide
Armada em duas esquadras
Huma se poz com as nossas
Outra com as Venezianas.

A primeira bateria
Que foi estupenda, e brava
Soffrerão as nossas naus
Com valerosa constancia.

Todas as naus de bandeira
Entrando tres Capitania
De Argel, Tunes, Turquia
Com dezafete Sultanas.

Aqui carregou a furia
Das nuito grandes Sultanas
Muitas de trez batarias,
Que parecião montanhas.

Era o fogo de tal sorte;
Que humas, e outras deitavaõ
Que os mares estremecião
Os montes se abalavaõ.

Os de Veneza adiante
Com mayor obrigação
Fazião correr rios de sangue
Nos perros do Alcorão.

A nau Santa Catharina ;
 Que o Pontifice mandava
 O General Belfountain
 A linha deu de batalha.

O grande Conde do Rio
 Que à popa da nossa estava
 Coriscos disoara ardentes
 Rayos desfazendo em chamas.

Com tal magestade, e brio
 Contra as Turcas Saltanas
 Por grossas bocas de bronze
 Deitava fortes palavras.

O Conde de São Vicente,
 Que o pilar animava
 Hia fazendo estrago
 Na gente Mahometana.

Com tal gentileza, e brio
 Sempre os mayores buscava
 Por saber que nu na dellas
 Era donde o Baxà andava.

Pedro de Souza tambem
 Seu grande valor mostrava
 Nesta continua peleja
 Recebendo, e dando bandas.

O Capitão João Bautista
 Rolhano que assim se chamava
 Fez com seu grande valor
 Sua memoria afamada.

A nau Santa Catharina
 A general Belfountain
 Hia fazendo proezas
 Cos Cavalleiros de Malta?

A nau Fortuna guerreira
 Que hia na nossa esquadra
 Fez neste dia proezas
 Toda a vida terá fama.

O General de Veneza
 Mirco Antonio se chamava
 Peleja com mais de trinta
 Adiante na vanguarda.

Os mais Capitães avante,
 Que vão na linha avançada
 Sua obrigação faziaõ
 Como dellas se esperava.

Entendo não ha nenhum
 Que por credito da patria
 Sirva de Deosa ElRey
 Mil vidas não arriscara.

Dous mil e trezentos tiros
 Só a minha nau deitara
 Fazendo grande estrago
 Na gente Mahometana

Todos os mais subalternos
 Toda a gente alta, e baixa
 O som de vivas, e fogo
 A Ley de Christo aclamavaõ:

A gente ainda que cançada
 Estrogida dos ouvidos ;
 Porque tinham dado o Turco
 Mais de sessenta mil tiros.

Tinhão nos Turcos morteiros
 Das mais feçanhosas bocas
 Deitavão bolas de pedra
 Que pez vaõ tres arrobas.

O Padre Santo de Roma
 Hum Jubileu dispensava
 Para que fossem absolvidos
 Os que morressem na armada

Era já cinco da tarde
 Quando a armada virava
 O Conde de São Vicente
 Atacava a Capitania.

Deulhe huma banda junta,
 Que a deixou toda raza
 Logo de nós se desvio,
 Que muito nos apertava!

Porém a furia tremenda
 Da multidão das bombardas
 E já da batalha o campo
 O Turco nos entregava.

Isto já perto da noite
Quando o Sol se sepultava
Para a ponta de Serigo
Se puzeraõ em retirada.

Durou dez horas e meya
Affirmo assim Deos me valha
Que das batalhas navaes
Pode esta ser nomeada.

De taõ contino trabalho
A gente inda que cansada
Huns estaõ curando feridos ;
Outros fazendo mortalhas.

Entre feridos, e mortos
O numero se contava
Na nossa nau de sessenta
Que ao ceo subiraõ suas almas.

Dos q̄ morrerãõ nas outras
Naõ se sabe a certeza
Mas sei que passaõ de mil
De Malta, e de Veneza.

Ali estivemos tres dias
Dentro na mesma enxada
Metendo velas enforcias
O Turco à vista estava.

A armada Turca entãõ
Da nossa se retirava,
Foi-se tambem consertar
Que mui estruida ficava.

Mandou logo o nosso Cõde
Com maõ generosa, e grata
Cem moedas dar à gente,
Que dentro na nau estava.

Aquelle Heroe famoso
Digno de gloria, e fama
A quem no valor nenhum
Na armada se igualava.

Mas se taõ altivo tronco
Produzio taõ alta rama
He força que de tal pay
Hum tal filho se esperava.

Seu irmaõ Jozé Bernardes
Com valentia estremada
Se do pay alento toma
Do irmaõ o brio imitava.

Naõ lendo já novidade
Porque na guerra passada
Foi Engenheiro na Beira
Das bon bardas Castelhanas.

Deu-nos hũ vento mui forte
Fomos na volta amarrada
No cabo de doze dias
Cicilia se avistava.

Com rogos, e cõ promessas
Fazem diligencia exalta
De nos levarem com sigo
Para donde for a armada.

Querem os Venezianos
Trazernos sempre arriata
Como se entre nõs naõ cuvera
Quẽ lhe entendesse a maranha

Eu sei que em Portugal
No tempo de sua infancia
Em a batalha de Ourique
Hum contra cem pelejara.

Porém no tempo presente
Tendo por culpa sonhada
Que foi luzido o valor
Donde o poder naõ se iguala.

Na Ilha de Sapiencia
Nos falou huma Tartana
Diz que dez mil lhe morrerãõ
Donde seu graõ Baxã entrava

Eraõ já quinze de Agosto
O tempo finalizava
Para tornar a Lisboa ,
Que he ordẽ q̄ leva a armada

Ficãraõ muito sentidos
E que a armada se apartasse
Que o seu intento era
Que a armada ali invernaesse :

Bem

Bem defronte de Taranto
Nos despedimos da armada
Para o porto de Messina
Viemos em retirada.

Achamos o São Pio quinto
Que estava desalvorada
A trouxemos a reboque
Hinda em Messina ficava
Entramos logo em Messina
Foi armada festejada,
Que nos estavaõ esperando!
Para saber da batalha.

Mandaraõ-nos dar refresco,
E fizemos quarentena,
Que todas as mais a fazem,
Que he estílo na terra.

Quarenta dias estivemos
Deatro neste rico porto
Concertando toda armada
Para passarmos o Golfo.

Este porto he muito brando
Por ter huma alta serra
As naus metidas no molde
Muitos chegados à terra.

No tempo da antiguidade
Sucedeu outra batalha
O Turco com graõ poder
Queria entrar a Italia.

No tempo de S. Pio quinto
Reynava Felipe em Hespanha
Pediolhe o Papa socorro
Contra armada Otomana.

Aparelhou Dom Filipe
Huma poderosa armada
Levando toda a nobreza
De Hespanha e também de Italia

A D. João de Austria é comêda
Que faya nesta empreza
Que logo se incorporase
Com armada de Veneza.

O grande poder do Turco
Seis centas velas trazia
Onde já tinha tomado
A Napoles de Romania.

Estando armada junta
O de Veneza dizia
Dizeinos bom companheiro
Desta nossa Santa liga.

O Turco q se faria pondia
O de Veneza étaõ a D. João ref-
Demos Senhor a batalha
Que Deos nos ajudaria.

Foraõ em bulca do Turco
A Napoles de Romania
Trezentas, e onze velas
Se vencerãõ neste dia.

Deste taõ grande successo
Nos contou grandes façanhas
De que fizem hoje as festas
Das vesporas Cecilianas.

Em hũ grãde pilar de pedr
Estaõ postos os letreiros,
Que passaõ de vinte mil
Os Turcos prezioneiros.

Isto se vê numa praça
Para dar ao povo a gloria
Os pès de D. João de Austria
Estaõ postos por memoria!

Chegou ao Turco a noticia.
Da perda da sua armada
Chorou a sua mefina
De haver perdido a batalha.

Chegou o Correyo a Espanha
Dom Filipe preguntava
Quanta gente lhe morrera
Em esta forte batalha.

Mas logo aos pès del Rey
O Correyo ajoelhava
Poucos saõ, Senhor os mortos,
E muitos ganharaõ a fama.

A Deos infinitas graças
 ElRey Dom Filipe dava
 Pelo grande bom successo
 Que teve nesta campanha.

Deixo já estas grandezas;
 Porque tocaõ a Espanha
 Quero seguir a viage
 Que leva esta nossa armada.

Sahimos pelo canal
 Com o vento a huma larga
 Com bonança vento a popa
 Fomos avistando Malta.

Aqui tivemos noticia
 Que a armada Castelhana
 Passara pelo Estreito,
 Que em Sardenha ficava.

Dizem que ElRey Filipe
 Contra o Turco a mandava;
 Porém foi tomar Sardenha,
 Que a Saboya fóra dada.

O Graõ Duque de Orliens
 Que França entãõ governava
 Poz logo guerra a Hespanha
 Entrando logo em Biscaya

Como era fiador a França
 Da grande guerra passada
 Temendo-se do Francez
 Logo Sardenha largava:
 Acabou-se entãõ a guerra
 Que o Francez demandava
 Metendo o Duque huma filha
 A ser Rainha de Espanha.

Passamos logo Mayorca
 Com vento a huma larga
 No outro dia de tarde
 Ao Estreito se avistava.

Passamos Porto-mahon
 Que o Ingles tomou a Espanha
 No mesmo dia de tarde
 Gibraltar se avistava.

Passamos pelo Estreito
 Sempre na volta amurada
 No Cabo de São Vicente
 A nossa armada avistava.

Esta carta vos mandava:
 Se me a vida faltasse
 Agora sou portador
 Pois Deos quiz que escapasse

Seis mezes e onze dias
 Gastamos nesta jornada
 Em seis do mez de Novembro
 Entramos nesta nossa barra.

F I M.